

UMA UNIDADE DIDÁTICA EM CIÊNCIAS NUMA PROPOSTA DE REPRODUÇÃO HUMANA OU EDUCAÇÃO SEXUAL?

Paulo César Gomes^(*)

Resumo

Este estudo teve por objetivo fazer a analisar e descrever uma unidade didática em ciências com as temáticas sexualidade e sexo. Participaram deste estudo cinquenta e quatro alunos provenientes de dois sextos anos do Ensino Fundamental e a professora que ministrou as aulas de ciências. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que investigou, com base na Análise de Conteúdo, os conteúdos das produções destes alunos ao longo de uma unidade didática em interação com as estratégias de ensino propostas pela docente. Os resultados apontam para uma revisão de práticas no ensino de ciências e de reflexão sobre as finalidades do ensino desta temática no âmbito da sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Ciências. Ensino Fundamental. Educação Sexual. Sexo. Sexualidade.

Abstract

Quanti-qualitative study carried out with 54 primary education students, between 10 and 11 years-old of a public school of the State of São Paulo, with the objective to identify teachers' approach on sex education in the classroom environment according to child perception. Data was collected in 2013, through teaching unit applied in the class room. Information was submitted to Content Analysis method. It was verified that the approach is still located mainly in biological sciences, ruled in the prerogative of preventing sexually transmitted infections and teen pregnancy. The results point to a review of practices in science teaching and reflection about the goals of teaching this sexual theme in the context of the classroom, because sex education should be more than just reproductive biology, puberty and safe sex

Keywords: Sex Education; Education, Primary; Science Education. Sex. Human sexuality.

A Educação sexual nas escolas ainda é tabu. Tabu que transita entre o modelo heteronormativo e de valores morais, comumente almejado por pais e sociedade e que

^(*) Doutor em Educação para a Ciência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Bauru – SP (2010). Mestre em Educação para a Ciência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Bauru – SP (2005). Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Baurú – SP (2002). Professor Assistente doutor no Departamento de Educação, Campus de Botucatu da Universidade Estadual Paulista – UNESP/IBB. E-mail: pcgomes21@gmail.com.

também é parte do ideário de muitos docentes, e o modelo de educação voltado à emancipação do sujeito – em seu contexto histórico social, como proposto por Maia (2010), um modelo que leva à reflexão crítica em relação à ordem dominante imposta socialmente. Nas reflexões propostas por Maia (2010), as escolas, no contexto de suas salas de aulas, vivem atualmente a pré-história da Educação Sexual, sobretudo porque nem os próprios professores responsáveis pela temática, formados ou não na área das Ciências, têm formação para isso. Sobre este aspecto, destaca este autor:

Se o educador não tem condições de realizar essa reflexão, como poderá ele levar os alunos ao desvelamento do caráter repressivo da aparente liberação sexual em que vivemos? Não se está afirmando que o educador que se dispõe a trabalhar questões relativas à sexualidade de seus alunos deve ter uma compreensão global e radical de todas as questões filosóficas, sociológicas, psicológicas, etc. que de fato compõem mediações importantes do que chamamos sexualidade. O que se está afirmando que ele deve ao menos ter uma autocrítica suficientemente desenvolvida para saber que tais conhecimentos não são perfunctórios, e que sua busca pela compreensão daquilo que se dispõe a ensinar não se esgota no campo técnico, didático e instrumental, inclusive porque inclui uma necessária revisão da própria história de educação sexual. Uma leitura crítica da sociedade é uma condição necessária para a compreensão de que, quando discutimos a repressão sexual e o preconceito, estamos necessariamente envolvidos e para que a educação que se fornece no campo da sexualidade possa ser direcionada à emancipação (MAIA, 2010, p. 30)

No contexto do ensino de ciências ensinado nas escolas, quando a temática é sexo e sexualidade humana, sabe-se que os objetivos buscam esclarecer questões relacionadas: ao conhecimento biológico do corpo humano; à morfologia e fisiologia do sistema reprodutor; à prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis – DST's; a gravidezes não planejadas e planejamento familiar; à valorização de atitudes como tolerância e respeito ao próximo; à diversidade sexual; ao conhecimento da masturbação e sentidos do toque em relação ao prazer. No conjunto, restringem-se a um conjunto de informações dadas como “biologizantes” (BIANCON, 2005; MEYER, 2000; ALTMANN, 2003).

De fato, educar sexualmente visa capacitar o aprendiz para uma vida sexual segura, planejada e responsável pelo cuidado com seu corpo e com a consequência de seus atos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual (1997) alertaram que escolas que promoveram projetos nesta temática transversal tiveram bons resultados no rendimento dos alunos durante as aulas, pois reduz a preocupação e tensão de questões sobre sexualidade, além do aumento da solidariedade entre os pares (BRASIL,

p.122, 1997). As mídias contemporâneas utilizam o apelo sexual constantemente para atrair consumidores para os mais diversos produtos, entretanto, também contribuem para a erotização precoce das crianças e o estímulo à curiosidade sexual. Muitas famílias atribuem exclusivamente à escola, mais propriamente, aos professores o papel de educador na orientação sobre a sexualidade dos jovens. No entanto, os professores não têm preparo adequado, visão crítica da sociedade ou dos valores impostos por ela. Aliás, tanto conceitos e conteúdos quanto os valores morais contém estereótipos que necessitam ser refletidos e desvelados (MAIA, 2010, p.33), caso contrário, destaca este autor, a Educação Sexual será convertida em “ferramenta de moralização”. Neste sentido,

Esse despreparo para trabalhar com as questões da sexualidade na escola, apresentado pelos professores, pode ter origem numa educação familiar anti-sexual e opressora que eles receberam e, também, na sua formação acadêmica inicial em que há pouca discussão sobre essa temática. Entretanto, mesmo sem ter preparo para trabalhar com a sexualidade, alguns professores a estão abordando em suas disciplinas. (SILVA e CARVALHO, 2005, p. 74)

Num estudo com professores, Biancon (2005) apontou que a temática Educação Sexual era ensinada por professores de ciências com um enfoque puramente biológico, utilizando apenas uma perspectiva fisiológica para tratar da sexualidade humana ou entendendo sexualidade como biologia da reprodução humana. “Tal abordagem explica por que os assuntos mais trabalhados em sala de aula são os órgãos reprodutores e os hormônios sexuais e justifica a posição dos que defendem que Educação Sexual seja dada apenas por professores de Ciências” (BIANCON, 2005, p.84/85). Ainda sobre o papel do professor ao tratar de temáticas na Educação Sexual em sala de aula, aponta Figueiró (2007, p.2):

Alguns pais se preocupam, justamente, por temer que os professores passem, para seus filhos, os valores que eles, professores, defendem. Assim, por exemplo, pais conservadores, que defendem a virgindade até o casamento (para as filhas, na maioria das vezes), temem que professores possam pregar valores divergentes, incentivando, no caso, o sexo antes do casamento. O contrário também pode acontecer, ou seja, pais que pretendem que seus filhos sejam livres para decidir, com responsabilidade, sobre sua vida sexual, temem que professores conservadores venham lhes inculcar idéias de pecado. Teriam direito, os professores, de influenciar seus alunos com seus valores pessoais sobre o que consideram certo ou errado? Certamente não; cabe a eles criar oportunidades várias de reflexão, para que os alunos pensem e discutam com os colegas, a fim de que formem sua própria opinião sobre sexo pré-matrimonial, masturbação, homossexualidade e aborto, entre outros. Cabe também ao professor fazer com que os alunos tenham acesso a

informações claras, objetivas e científicas sobre a sexualidade (FIGUEIRÓ, 2007, p.2)

Do exposto por Maia (2010), Figueiró (2007) e Biancon (2005), os docentes, ao tratar da Educação Sexual, devem ter múltiplas habilidades: visão crítica da sociedade capitalista, ter postura crítica em relação aos valores morais socialmente impostos, saber transmitir informações cientificamente corretas (biológicas), ter conhecimento de psicologia, ter conhecimento da história da sexualidade humana e da evolução histórica da própria Educação Sexual. E, mesmo como apontaram Figueiró (2007) e Silva e Carvalho (2005) é um profissional que deve abster-se de seus próprios valores, da opressão sexual vigente e de toda educação familiar antissexual recebida. Questiona-se. Este profissional existe? E se existe, atua na escola pública?

Os autores Reis e Ribeiro (2005, p. 37-38) diferenciaram Educação Sexual de Orientação Sexual. A última expressão foi adotada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's. Na distinção das expressões, a Educação Sexual, segundo os autores, é aquela que recebemos desde o início de nossa vida, pela família, comunidade, grupo religioso, educação de modo contínuo e indiscriminado, decorrentes de normas e valores sobre o sexo e a sexualidade. Já a expressão adotada pelos PCN's envolve um programa estruturado, sistematizado, organizado numa linha de tempo e espaço, com objetivos e metas; que é realizado por profissional capacitado responsável. Assim, o objetivo, segundo os autores, da Orientação Sexual é “[...] informar, debater e refletir sobre questões da sexualidade com os indivíduos, levando-os a conhecer seu próprio corpo, entender sentimentos, medos e angústias, a ser sujeitos de sua própria sexualidade” (REIS e RIBEIRO, 2005, p. 36). Destacam estes autores que, o educador sexual deve...

[...] ser uma pessoa coerente com a sua proposta, que não tente passar modelos. Ao invés disso, analisa com os alunos as diferentes situações e visões que existam sobre o tema; deve ser verdadeiro, sem se achar portador da verdade absoluta; conhecer o assunto sem ser onipotente; ter sensibilidade para perceber as necessidades dos alunos e procurar elaborar um programa que vá ao encontro dessas necessidades e das expectativas desses alunos; firmar relação de confiança com o aluno, não estabelecer juízo de valores ou criticar as diferentes formas de expressão da sexualidade, e entender que crianças e jovens estão buscando o prazer e respostas às curiosidades e dúvidas que a vivência da sexualidade naturalmente gera em todos nós. (REIS e RIBEIRO, 2005, p. 39).

A escola assume majoritariamente um papel repressor das manifestações sexuais. Isso se dá pelos padrões impostos entre, de um lado, o que as famílias esperam da escola neste sentido e, de outro, como educadores lidam com as manifestações sexuais dentro do ambiente escolar. Um modelo de educação que está entre o que é esperado pela comunidade e pela expressão da sexualidade das crianças. As escolas têm adotado modelos assépticos, impessoais e que reprimem tais manifestações...

[...] como uma normalidade à negação da explicação, ou melhor, da expressão sexual da criança, reprimindo toda e qualquer manifestação sexual desta, que cotidianamente se expressa dentro do ambiente escolar, mas, continuam escamoteadas, penalizadas ou negadas pelos/as profissionais que ali atuam (BRAGA, 2007, p.212).

O recado implícito e, outras vezes, explícito, no interior da escola é: não é o local de manifestações sexuais de quaisquer naturezas. A repressão destas manifestações têm duas consequências principais: (a) que os alunos atendam e obedeçam aos padrões socialmente aceitos e (b) o toque corporal e alguns tipos de perguntas são proibidos (BRAGA, 2009).

O docente deve sempre lembrar-se que está sob o julgamento dos alunos e eles sob o julgamento uns dos outros. É preciso falar sobre o tema respeitando os valores familiares e religiosos que cada um carrega consigo, mas não deixando assim de tratar das temáticas. Qualquer imposição de valor dogmático feita na escola confundiria as reais finalidades da orientação sexual; desvelando mecanismos de repressão sexual. É essencial “[...] aceitar e conviver com a diferença, a diversidade de condutas, valores, crenças e convicções que caracterizam diferentes grupos sociais”. (REIS e RIBEIRO, 2005, p. 42). A seguir, serão apresentados os objetivos deste estudo.

Este estudo teve como objetivos (a) descrever a aplicação de uma unidade didática¹ em ciências dentro da temática educação sexual; (b) descrever e analisar produções dos alunos nesta temática ao longo da unidade; (c) verificar, dentro da atual proposta do ensino de ciências, quais concepções alternativas (*misconceptions*) e medidas de aprendizagens emergem de interações decorrentes das aulas ministradas.

¹ A expressão unidade didática é inserida neste texto com o sentido de tratar de um conjunto consecutivo de aulas ministradas do início ao término dentro de uma mesma temática.

METODOLOGIA DE PESQUISA

O contato direto do pesquisador com o campo e com os participantes da pesquisa pode, a princípio, sugerir uma possível parcialidade na análise dos dados. No entanto, esta aproximação facilita a apreensão dos significados atribuídos ou interpretações dadas pelos sujeitos participantes aos fenômenos que estão sendo investigados. Esta aproximação interfere também, de modo positivo, na promoção, quando for o caso, de adequadas e necessárias intervenções. Do ponto de vista da Pesquisa Qualitativa (DUARTE, 2002), os dados não são computados em números, mas estão distribuídos no decorrer das atividades produzidas, entrevistas, muitas vezes dissimulados em palavras ou ideias expressas no texto. Os dados obtidos foram analisados numa aproximação com a Análise de Conteúdo proposta por Bauer (2013).

Foram acompanhadas nove aulas de uma professora de ciências que ministrou aulas em dois sextos anos do Ensino Fundamental. Cinquenta e quatro alunos, com faixa etária entre dez e onze anos, compunham o total de alunos das duas salas. As aulas ocorreram em uma escola pública estadual de uma cidade de médio porte do interior paulista. Foram observadas aulas duplas ao longo de pouco mais de um bimestre. As aulas eram alternadas com outras temáticas de ciências. A professora atuava no magistério há quatro anos e possui Licenciatura em Ciências Biológicas. A docente ministrou semanalmente quatro horas-aulas de ciências nos dois sextos anos. Os procedimentos de coleta de dados adotados foram: (i) observações e registro escrito das aulas; (ii) entrevistas semiestruturadas com a docente que ministra aulas de ciências físicas e biológicas e (iii) análise das produções dos todos os alunos e alunas nas distintas etapas da unidade didática.

Quadro 1 - Síntese do procedimento de coleta de dados

Etapa	Descrição
I	Entrevista inicial com a docente responsável pelas turmas
II	Observação de um conjunto de aulas sobre a temática sexualidade
III	Análise das produções dos alunos
IV	Entrevista final com a docente

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na entrevista inicial a docente participante mencionou que havia um incomodo grande por parte dela e de outros professores em relatos: “Eles [os alunos dos 6.º anos]

só sabem desenhar pênis nas cadeiras da sala de aula. [E depois falar em tom de sátira] Olha, olha, vai sentar, vai sentar, sentou... [risos] São jogos sexuais já nesta idade” (docente Ana Beatriz²). A principal intenção da docente era abrandar comportamentos de natureza sexual em sala de aula, de modo que os alunos passassem a compreender sua relação com o próprio corpo e com o outro. Segundo a professora, foi também “[...] *pra tirar certa ansiedade deles em relação ao sexo*” (Ana Beatriz). Outro aspecto apontado pela docente foi o seguinte: “*As temáticas relacionadas ao corpo humano e o sistema reprodutor estão previstas somente a partir do oitavo ano. É uma coisa que não faz muito sentido [...] Quando os alunos começam ter aulas sobre o [sistema] reprodutor masculino e feminino e ciência de todas as responsabilidades decorrentes da atividade sexual, eles já iniciaram a vida sexual e as meninas até já menstruaram*” (Ana Beatriz). A docente relacionou aspectos previstos no currículo de ciências com uma demanda proveniente da interação dos alunos em sala de aula, seu desenvolvimento biológico e de outras observações sobre o comportamento sexual dos alunos que ela havia realizado. A docente salientou que sentia um pouco de receio ao tratar outras temáticas articuladas aos sistemas reprodutores masculino e feminino, pois poderia, ela própria, ser exposta. Entretanto, a docente salientou a importância de se trabalhar um tema transversal tão importante para a vida dos alunos e alunas, mas que se tratava da “[...] *primeira vez que abordo a temática com alunos tão pequenos*” (Ana Beatriz). A seguir, foi apresentada a sequência de aulas acompanhadas e registradas com a docente. As aulas foram assim estruturadas:

Quadro 2 – Síntese descritiva das aulas da professora Ana Beatriz.

Síntese da descrição das aulas		
Objetivos	Ações da professora Ana Beatriz	Ações dos alunos
1 Mapear conhecimentos prévios dos alunos acerca da temática.	Sem receber qualquer orientação prévia da professora, os alunos foram convidados a produzir uma história sobre o tema sexo e responder duas perguntas “ <i>Onde você se informa sobre sexo?</i> ” e “ <i>Quais são suas dúvidas sobre sexo?</i> ”. A docente limitou-se a fornecer orientações na divisão da folha de papel sulfite recebida, isto é, lápis em quatro partes iguais e produzir uma história em quadrinhos; Os alunos, em	Alunos estavam sentados em fila indiana. Alunos receberam uma folha de papel em branco e orientações para dividir a folha na construção de uma história em quadrinhos. Alunos produziram individualmente a história e, ao término, entregaram à professora. Os alunos fizeram uma série de questionamentos à professora. No entanto, ela disse que

² Nome fictício. Os alunos também tiveram seus nomes omitidos. Os nomes dos alunos foram substituídos por A1, A2, A3 [...] A54.

		seguida, produziram os quadrinhos solicitados.	não responderia nada naquele momento, que eles apenas deveriam fazer o que estava sendo pedido.
2 e 3	Estabelecer um diálogo com os alunos dentro da temática sexualidade.	A docente iniciou a aula dizendo que faria a leitura de um livro paradidático. Assim, fez a leitura do livro de autoria de Babette Cole: “Mamãe Botou um Ovo”. Na sequência da leitura, a professora solicitou que os alunos participassem expressando suas opiniões sobre o livro. Depois disso, os alunos assistiram ao filme “Gravidez: A Vida Antes do Nascimento”. Ao final, os alunos escreveram um texto com as histórias que os pais contavam sobre a pergunta do livro “De onde vem os bebês?” e fizeram um desenho sobre o filme.	Alunos sentados em duplas. Ouviram a história lida pela professora e fizeram comentários e relatos a pedido da professora. Os relatos dos alunos versaram sobre as histórias que seus pais inventavam sobre como eles “tinham vindo ao mundo”. Os alunos assistiram ao vídeo. Alguns fizeram comentários durante o vídeo e ao final da exibição. Alguns alunos disseram que nunca tinham visto um parto normal. Elaboraram o texto individualmente e fizeram os desenhos solicitados.
4 e 5	Buscar informações em fontes diversificadas. Realizar leituras sobre o tema.	Alunos receberam uma coleção sobre sexo e sexualidade da década de 1980 da Editora Abril Cultural, disponível na biblioteca da escola e foram incentivados a buscar temáticas que fosse do interesse deles. Ao final, a docente solicitou que cada um explicasse o que leu e entendeu do texto aos demais alunos. A docente interferiu nas explicações apenas se constatou equívocos ou para o esclarecimento de dúvidas por parte dos alunos. A docente fez uma breve revisão sobre os sistemas reprodutores masculino e feminino. Solicitou que os alunos se sentassem em círculo para discussão e fez perguntas gerais sobre o material: “ <i>Quem gostaria de comentar o que leu. O que vocês acharam?</i> ”	As revistas foram dispostas em uma mesa ao centro da sala de aula e os alunos em duplas selecionaram o material que iriam ler. Em suas carteiras, os alunos leram um texto que escolheram e folhearam as revistas fornecidas. Ao final das leituras, a pedido da docente, os alunos fizeram um círculo e, explicaram aos demais o que haviam entendido do material consultado. Alguns alunos não queriam participar, mas o fizeram a medida que a docentes passou a realizar perguntas. Assistiram à exposição oral acerca dos sistemas reprodutores masculino e feminino.
6 e 7	Avaliar o entendimento das informações discutidas ao longo das aulas.	Os alunos foram convidados a produzir em duplas uma nova história em quadrinhos. Ela deveria explicar de onde vêm os bebês – que se tratava do título do livro paradidático lido. A docente explicou que nesta atividade, eles iriam compor um livro relatando o que aprenderam em relação às aulas que assistiram em comparação às histórias inventadas pelos pais quando eles eram menores.	Os alunos produziram, em duplas, novas histórias em quadrinhos e compuseram um livrinho. Ao final da aula, os alunos explicaram para os demais as histórias produzidas e a relação distinta que elas possuíam se comparadas às histórias mirabolantes que seus pais lhes contavam.
8 e 9	Comparar e textos produzidos na aula inicial e nas aulas finais, visando autoavaliação das aprendizagens.	Nesta aula, a docente entregou os primeiros quadrinhos elaborados pelos alunos e pediu que estes observassem e comparassem as duas histórias em quadrinhos, isto é, o livro e a primeira história. Com auxílio da docente, os dados da segunda história em quadrinhos foram tabulados na lousa e os alunos registraram os resultados em seus cadernos.	Os alunos compararam as histórias em quadrinhos inicialmente produzidas com a última e fizeram oralmente um relato aos demais colegas comparando as duas histórias. Os alunos registraram os resultados tabulados em seus cadernos. Ao término das discussões, os alunos relataram o que aprenderam nas aulas que assistiram.
Nota: os números na primeira coluna à esquerda indicam a sequência e o número de aulas observadas.			

O conjunto de dados obtidos das produções dos alunos foi tabulado, categorizado e, por último, analisado qualitativamente de acordo com critérios pré-estabelecidos e apresentados a seguir.

Os objetivos, relacionados às atividades aplicadas na primeira aula ministrada, foram mapear os conhecimentos prévios e concepções alternativas sobre sexo que os alunos já possuíam. Abaixo, foram descritas duas produções em quadrinhos, uma elaborada por um menino e outra por uma menina.

Quadro 3 – Descrição de duas produções de quadrinhos ou cartum, por gênero.

Síntese de duas histórias em quadrinhos produzidas pelos alunos

Menina	<p>A aluna dividiu a folha recebida em seis quadros, colocou o título “Como fazer sexo prevenido” e elaborou os desenhos desta forma. No primeiro quadro, representou um homem (em pé) e uma mulher (de joelhos) fazendo sexo oral no homem. Havia os seguintes dizeres nos balões de fala: “<i>Vamos sem camisinha?</i>” (homem), “<i>Ai, sem camisinha, nem pensar</i>” (mulher) e “<i>Está bom</i>” (mulher). No segundo quadro, a aluna escreveu num balão-narrador: “<i>Ficaram a noite toda assim...</i>” e representou quatro distintas posições sexuais – envolvendo sexo oral, anal, sexo com penetração vaginal em duas posições e estimulação oral dos mamilos. No terceiro quadro, utilizando o recurso do balão-narrador, a aluna escreveu: “<i>No dia seguinte</i>” e, desenhando um homem com o pênis flácido e uma mulher com o orifício anal aumentado. Escreveu nos balões de fala de ambos: “<i>Olha o que aconteceu com o meu pinto [pênis]!</i>” (homem) e “<i>Minha bunda!</i>” (mulher). No quarto quadro, a aluna desenhando um homem e uma mulher nus. A mulher foi representada com uma barriga proeminente. Escreveu os seguintes dizeres em seus balões de fala “<i>Estou com AIDS</i>” (homem) e “<i>Estou grávida</i>” (mulher). No quinto quadro, a aluna desenhando um caixão ou ataúde com uma cruz sobre ele e representando ao lado uma mulher com seus cinco filhos. No sexto e último quadro, a aluna escreveu usando o balão-narrador “<i>Se usasse camisinha não seria assim. Seria assim:</i>” e desenhando um homem, uma mulher e uma criança. Todos sorriem.</p>
Menino	<p>O aluno dividiu o papel em oito quadros. Não inseriu título. No primeiro quadrante, desenhando um casal trajando roupas e escreveu no balão de fala da mulher “<i>Amor, vamos fazer sexo?</i>”. Ambos sorriem. No segundo quadro, o aluno desenhando uma cama com uma mulher nua deitada com o seguinte balão de fala: “<i>Amor, o seu pinto [pênis] é muito pequeno</i>” e o homem, em pé ao lado da cama, responde: “<i>Você não gostou?</i>”. Ambos foram representados com a boca arqueada para baixo. No terceiro quadro, o aluno utilizou o balão-narrador e escreveu nele “<i>No dia seguinte</i>” e desenhando um casal defronte a um prédio com o letreiro “<i>Motel</i>”. No balão de fala da mulher, escreveu: “<i>É bom ter um amante!</i>”. No quarto quadro, desenhando uma cama e, ao lado dela, um casal nu com o balão de fala da mulher dizendo “<i>Isso sim é pinto [pênis]. O do meu marido é pequeno</i>”. No quinto quadro, novamente o desenho de um prédio com o letreiro “<i>Motel</i>”. Defronte ao prédio, o menino desenhando um trio, sendo dois homens, um de cada lado de uma mulher. Na mulher, o menino desenhando o balão de fala com o texto: “<i>E dois é muito bom!</i>”. No sexto quadro, o menino representou uma mulher entre os dois homens num ato sexual. Mulher representada na posição de quatro apoios com penetração (vaginal? anal?) por trás e ao mesmo tempo faz sexo oral com o outro homem. Nos balões de fala dos homens, o menino escreveu “<i>Está sentindo o cabelo?</i>” e em outro homem “<i>Chupa tudo, cachorra!</i>”. No sétimo quadro, o aluno desenhando uma cama com um homem nu deitado sobre ela e uma mulher em pé ao lado. A mulher sorri e tem o seguinte balão de fala “<i>Agora, que o pinto [pênis] do meu marido está grande nós vamos fazer sexo, mas estou com AIDS</i>”. No oitavo e último quadro, que foi dividido em dois, o menino desenhando um casal nu, ambos com a boca arqueada para cima. O balão de fala do homem diz: “<i>Agora que meu pinto [pênis] está grande, você quer ele?</i>”. Na segunda parte deste último quadro, a mulher foi representada com boca arqueada para baixo. Ela segura duas malas, uma em cada mão e, caminha em direção à porta.</p>

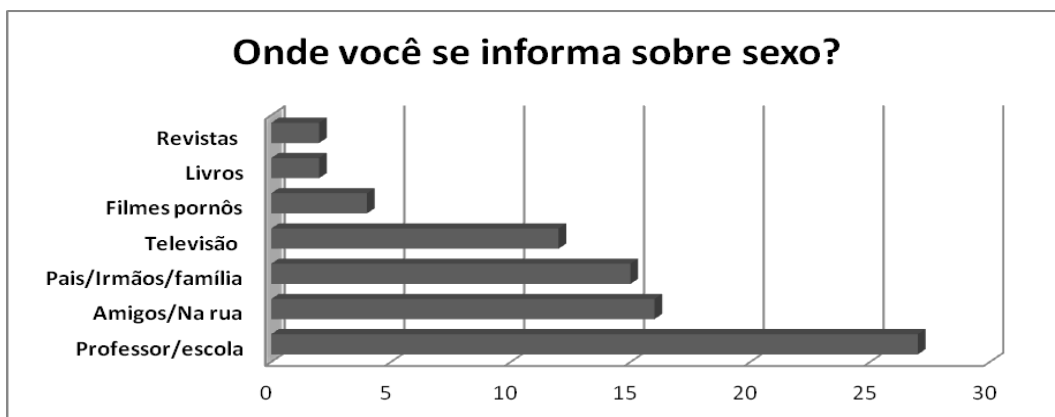
No conjunto das produções em quadrinhos na investigação inicial foi possível perceber com riqueza de detalhes que alguns dos alunos e alunas, com uma faixa etária entre dez e onze anos de idade, têm acesso a material pornográfico. Ver, por exemplo, Quadros 3 (acima) e Quadro 4 (abaixo). Segundo o relato dos próprios alunos, eles assistem sozinhos ao material pornográfico ou mesmo junto com seus pais. Relataram ainda que também têm acesso à pornografia utilizando a *internet*. Ficou demonstrado nos desenhos que os alunos compreendem sexo apenas como “ato sexual ou coito”. A maioria dos alunos e alunas representou em suas histórias homens e mulheres em situação de cópula. Situação concebida nas mais diferentes posições sexuais, sexo poligâmico com dupla e tripla penetração, sexo grupal, sexo oral e sexo anal. Algumas das histórias produzidas também continham trechos de letras de músicas de *funk*³.

Decorrente desta atividade inicial exploratória e diagnóstica da produção em quadrinhos proveniente da primeira aula foi possível constatar tensões relacionadas: (a) ao acesso que alunos e alunas tiveram a material pornográfico (*DVD's* e *internet*); (b) à conduta dos pais em relação à erotização precoce das crianças; (c) às tensões pessoais dos meninos em relação ao tamanho do pênis; (d) à dor, mencionada por meninos e meninas, no momento do coito; (e) em contrair doenças sexualmente transmissíveis; (f) a dúvidas em relação à masturbação por parte dos meninos; (g) sentimento de castração pelos meninos; (h) em flagrar os pais no ato sexual; (i) ao medo de tornar-se mãe solteira/gravidez indesejada; (j) à prostituição e comércio sexual; e (k) a morrer em razão da AIDS (síndrome da doença imuno-adquirida).

Ainda na primeira aula, os alunos também responderam, por escrito, duas questões sobre (i) dúvidas que teriam acerca de sexo e (ii) como obtinham informações sobre esta temática. O Gráfico 1, abaixo, destacou os locais onde os alunos se informam sobre sexo. Dos resultados, observa-se que a busca por informações sobre sexo na televisão, na família e com os amigos, se somados, são proporcionalmente maiores que o número de alunos que procuram informações sobre o mesmo tema com professores e na escola. Um número reduzido de alunos busca informações em filmes pornográficos, livros e revistas.

³ Mc Deise Tigrone “A b* é minha” <http://musica.com.br/artistas/deise-tigrone/m/a-b-e-minha/letra.html> e Mc Tati Quebra Barraco “Fogão Dako” <http://letras.mus.br/tati-quebra-barraco/147076/>

Gráfico 1 – Síntese das respostas sobre local onde os alunos se informam sobre sexo.



O Quadro 4, seguinte, apresentou algumas das questões elaboradas pelos alunos sobre a temática sexo, divididas por gênero. Segundo a docente Ana Beatriz, são “Perguntas que quase ninguém quer responder” justamente porque “[...] Vão contra o rosto angelical das crianças e são questões que envolvem aspectos morais e mesmo éticos. Veja o caso do portador do vírus da AIDS ou das crianças que tem acesso à pornografia” (Ana Beatriz).

Quadro 4 – Perguntas elaboradas por alunos e alunas dos 6.º anos na primeira aula na temática sexualidade.

Meninas	<p>“Precisa usar camisinha?”; “É gostoso? Por quê?”; “Precisa usar camisinha quando for ao motel? Qual é a melhor hora de fazer sexo?”; “A vagina dói quando tem penetração? Se for sexo anal pode engravidar?”; “Precisa mesmo usar preservativo? Como se usa?”; “Mesmo usando camisinha, corro o risco de engravidar ou pegar o HIV?”; “É obrigatório fazer sexo?”; “Sai sangue?”; “Cada casal tem uma maneira diferente de transar? O homem pode gozar muitas vezes em uma transa?”; “A mulher sangra?”; “É bom?”; “Por que elas gemem? Dói?”; “Por que o pênis fica duro?”; “Arde na penetração? Precisa gemer? Quando sei que gozei?”; “Quando a menina menstruar e o menino gozar é aí que estão prontos para fazer sexo?”; “Por que tem que fazer isso e como faz?”; “A mulher geme bastante, será que é porque dói?”; “Não sei se vou estar pronta para fazer...”; “Por que colocar várias bolinhas na vagina da mulher [pompoarismo]? Para quê camisinha com sabores? Como é a camisinha da mulher? E o pênis dos homens? Como são as posições sexuais? Por que morrem as crianças [aborto]? É bom fazer sexo? É bom?”; “Por que os homens e mulheres gemem? Por que, durante a penetração, as mulheres colocam o dedo no ânus? Quais são as posições sexuais e os nomes delas?”</p>
Meninos	<p>“Por que as mulheres sempre gemem?”; “Como fazer? Tem outro jeito de fazer?”; “A mulher sempre sangra?”; “Com quantos anos os homens começam a ter espermatozoides? A maioria dos homens e mulheres começa a ter relação sexual com quantos anos?”; “Por que os homens gozam? Por que crescem pelos no saco? Por que nascem pelos na vagina? Como nascem os ovários?”; “Por que elas gemem? Quanto tempo demora para gozar? Dói? A vagina da mulher já é aberta ou tem que abrir? Como?”; “Por que gostam disso?”; “Por que elas gemem”; “Eu vou poder fazer?”; “É gostoso transar? Por que? Que hora vai sair o gozo [esperma]?”; “Como é transmitido o HIV?”; “Minha mãe me falou que eu tenho AIDS. O que é essa AIDS?”</p>

Nove alunos, sendo seis meninos e três meninas, disseram que não possuem nenhuma dúvida sobre sexo porque “já sabem tudo”. Com relação às perguntas elaboradas, proporcionalmente as meninas elaboraram muito mais perguntas que os meninos. As perguntas estão relacionadas ao sexo biológico, algumas especificamente, ao período de maturidade sexual, relacionadas à dor, ao prazer e ao sangramento decorrentes do ato sexual; e também em relação a aspectos psicológicos e culturais. Em seu conjunto, os questionamentos revelaram, além de dado conhecimento sobre a temática, a erotização precoce das crianças. O acesso a materiais pornográficos ficou explícito em algumas das perguntas elaboradas pelas crianças. Por exemplo, as perguntas: “Por que colocar várias bolinhas na vagina da mulher?”, “Por que, durante a penetração, as mulheres colocam o dedo no ânus?” e “Por que as mulheres sempre gemem?”.

Estritamente relacionado ao sexo biológico foram constatadas a presença de algumas principais concepções alternativas (*misconceptions*). São elas: (i) interpretação equivocada dadas por alunos a notícias⁴ divulgadas pela mídia: “SEXO FRÁGIL – NOTÍCIA: Mulher transa com dois homens. Um na frente e outro atrás. Fica grávida de gêmeos. Um de cada pai” (A32). Este fragmento foi extraído de uma das histórias produzidas por uma menina na primeira aula, no entanto, era uma ideia partilhada com outros alunos e alunas; (ii) incompreensão ou desconhecimento do sistema reprodutor: “A vagina da mulher já é aberta ou tem que abrir? Como?” e “Se for sexo anal pode engravidar?”; (iii) Relação desconexa entre maturidade sexual e maturidade psicológica: “Quando a menina menstruar e o menino gozar é aí que estão prontos para fazer sexo?”; (iv) Relacionou a necessidade do uso do preservativo ao local onde se faz sexo e não às doenças sexualmente transmissíveis – DST’s: “Precisa usar camisinha quando for ao motel?”

Compreendendo e considerando a sexualidade humana como fenômeno multideterminado em suas dimensões biológica, psicológica, cultural e social (ANACLETO e MAIA, 2009), as outras dúvidas, e mesmo o comentário, foram

⁴ Em web:

<http://www.emaisgoias.com.br/noticias/cidade/2012/8/29/27441.html?Nascimento+de+gmeos+de+pais+diferentes+mexe+com+os+moradores+de+Morrinhos> e
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/05/090518_gemeospaisdiferentes_ba.shtml

agrupadas de acordo com características de suas respostas: (a) **Natureza Psicológica:** “Qual é a melhor hora de fazer sexo?”; “É obrigatório fazer sexo?”; “Não sei se vou estar pronta para fazer...”; **Natureza Cultural/Social:** “Cada casal tem uma maneira diferente de transar?”; “Para quê camisinha com sabores?”; “Como são as posições sexuais?”; “A maioria dos homens e mulheres começa a ter relação sexual com quantos anos?”; **Natureza Biológica:** Todas as demais perguntas, por exemplo, “Por que crescem pelos no saco?”; “Por que nascem pelos na vagina [vulva]?”; “Como nascem os ovários?”; “Quanto tempo demora para gozar?”; “É gostoso transar?”; “Como é transmitido o HIV?”; “Minha mãe me falou que eu tenho AIDS. O que é essa AIDS?”. Apesar da categorização, as perguntas podem estar incluídas ao mesmo tempo em uma ou outra classificação, a depender da “leitura” que se faz.

A docente alegou que após o impacto inicial com “[...] os sustos que tomei, não achei que eles tinham conhecimento de tanta coisa [...] Não são as perguntas em si ou as histórias, mas as consequências que elas causam em quem lê” (Ana Beatriz).

Os ‘sustos’ mencionados pela professora Ana Beatriz foram todos provenientes da primeira aula. A docente alegou que iria buscar alternativas para dar prosseguimento à temática de modo a articular e relacionar o que encontrou na aula inicial com o modo como iria conduzir as aulas seguintes. A docente relatou ter buscado a temática Orientação Sexual em uma revista⁵ *on line*, mas que teria que estudar mais e buscar outros materiais, pois não havia encontrado ainda um material que lhe desse suporte e auxiliasse no trabalho com seus alunos e alunas.

Nas aulas 2 e 3, após a leitura do livro paradidático acima mencionado e depois de assistirem ao vídeo “Gravidez: A Vida Antes do Nascimento” da Editora Abril Cultural, os alunos foram convidados a desenhar os aspectos que mais gostaram do vídeo e elaborar um texto descrevendo as histórias que seus pais contavam sobre a origem dos bebês. Das produções de textos analisadas, ficou evidente que muito do que os pais contavam aos filhos era baseado em: mentiras, inculcação de medos, por exemplo, do medo de ser devolvido, medo da gravidez e do sexo precoces. Assim, as respostas dos alunos foram organizadas em categorias. Aproximadamente quarenta e

⁵ <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/ciencias-mudancas-corpo-puberdade-740926.shtml>

cinco por cento dos alunos indicaram histórias relacionadas à cegonha e outras crenças. Outros trinta por cento dividiram-se em gravidez induzida pela ingestão de semente ou alimento sexuais. As principais respostas foram agrupadas assim:

Quadro 5 – Relatos sobre as histórias que seus pais lhes contavam.

Categoria	Histórias que os pais contavam
Cegonha e outras crenças	<p>“Minha avó falava para mim que tinha que escrever uma carta pedindo para a cegonha trazer um bebê [...] a cegonha lia a carta e fabricava o bebê. Ela colocava os braços, os olhos, as pernas... Me colocou numa caixa e me deu para a minha mãe. Disse que eu só iria funcionar depois que tomasse um banho” (A7, menino)</p> <p>“Como a cegonha não iria conseguir cuidar de mim, ela me deixou com a minha mãe” (A33, menina)</p> <p>“Minha mãe me disse que quando ela beijou meu pai, saiu uma sementinha, que começou a crescer na barriga dela. Depois beijava de novo e ia para a barriga do meu pai. Ele levava para a cegonha, e depois, a cegonha me jogava no telhado” (A34, menina)</p> <p>“Minha avó contou que um passarinho me trouxe dentro de uma sacolinha” (A48, menina)</p> <p>“[...] Meu pai falou que nasci de um espirro da minha mãe” (A32, menina)</p>
Uso de preservativos	<p>“Minha mãe me falava que camisinha [preservativo] era roupa de boneca, mas que não dava para comprar porque era muito caro” (A36, menina)</p> <p>“[...] que a camisinha [preservativo] não era para nada. Era para usar no dedo quando se cortasse” (A18)</p> <p>“Ela também falava que a camisinha [preservativo] colocava no dedo para ele ficar protegido e para não ficar com frio ou, às vezes, ela falava que somente poderia colocar no dedo só depois de 20 ou 30 anos”. (A53 – menina)</p>
Ingestão de alimento sexual	<p>“A cegonha trouxe um bolo para minha mãe comer. Ela teve que comer e eu nasci” (A30, menina)</p> <p>“[...] que eu vinha do céu. Que o papai do céu dava uma sementinha para a mamãe e ela engolia e assim, eu nasci”. (A53, menina)</p> <p>“Ela comeu uma fruta e eu estava dentro, e aí fui parar na barriga dela” (A10, menino)</p> <p>“Quando minha mãe beijou meu pai, ela já ficou grávida. Depois contou uma história que ela plantou uma semente que crescia” (A27, menina)</p> <p>“Minha mãe comeu um repolho e assim eu nasci” (A35, menina)</p> <p>“Meu avô contava que o bebê era uma flor. Que no hospital tinham várias flores [...] ela comia [a flor] e depois de nove meses nascia” (A11, menina)</p>
Culinária sexual	<p>“[...] Nasci que nem biscoito [...] tinha que ficar no forno certo tempo e quando ficava pronto, tinha que retirá-lo” (A13)</p>
Germinando como sementes	<p>“Minha mãe contou que meu pai plantou uma semente na barriga dela, que fez eu e minha irmã nascermos” (A43, menina)</p> <p>“Minha mãe me disse que eu nasci igual um feijão” (A9, menina)</p> <p>“Minha mãe sempre contou a verdade [...] Ela dizia que quando éramos pequenos estávamos na barriga dela. Éramos uma sementinha que depois crescia e formava um bebê” (A5, menina)</p> <p>“[...] falava que eu nasci igual um feijão, que o meu pai plantava na barriga dela. Eu vim de um feijão e também de uma águia” (A39, menino)</p> <p>“Minha avó falava como os bebês eram feitos. Eram plantados na horta de bebê, que era um bebezal. E ia para a feira vender os repolhos e os bebês [...] Contavam que os bebês ficavam numa ilha [...] e a barriga da mamãe ficava inchada de medo que o bebê não viesse” (A2, menina).</p>
Encontrados no lixo	<p>“Meus pais disseram que a cegonha deixava o lixo no lixo de cada casa. Esse lixo virava um filho. De vez em quando, esse lixo era recolhido e ia o filho para o caminhão. A minha mãe achou três filhos no lixo” (A6, sem nome).</p> <p>“Um urubu me trouxe bebê num pano. Ela me disse que quando uma moça jogasse o lixo na rua, uma mulher ia lá abria o saco e achava o bebê” (A32, menina)</p>
Medo de ser devolvido	<p>“[...] Deus me criou, me jogou em cima do telhado e eu caí dentro do berço [...] o homem do saco [morador de rua] plantava bebês. E depois, de trem, ele nos levava para casa. Se acaso não obedecesse, ele nos levaria embora” (A 21, menina)</p> <p>“[...] A cegonha me trouxe no bico e, quando chegou a minha casa, ela me soltou. Quando eu faço bagunça, minha mãe fala que vai me devolver para a cegonha” (A14, menina)</p>

Fada-do-dente, o avião e o papai Noel.	“Papai Noel me trouxe no trenó” (A37, menina) “Minha mãe contava para mim, quando eu era pequeno, que quando caía um dente dela, à noite a fada trazia um bebezinho. Com roupa rosa se era menininha e a do menininho era azulzinha. Também minha avó contava que o nenê vinha do avião, quando a mãe da gente colocava uma roupa inteirinha de uma cor só” (A1, menino)
Tecnologia	“[...] encomendado pelos correios” (A20, menino) “Um homem me trouxe de táxi e me deixou lá na casa dela” (A23, menina)
(Meias) verdades	“Minha mãe me dizia que eu vim do pênis do meu pai que entrava na barriga da minha mãe” (A25, menino) “Eu vim da barriga da mamãe” (A26 menina)
Protelando o assunto	“Minha mãe nunca contou. Veio falar só depois que eu estava maior. Eu tinha oito anos, aí eu já sabia de tudo” (A4, menina)

Os alunos relataram que a grande maioria dos pais preferia inventar histórias mirabolantes para explicar como se dá a fecundação, fertilização, concepção e o nascimento dos bebês. A motivação das histórias, por ter aspectos religiosos, culturais e morais ou, ainda, supor que as crianças são muito imaturas para compreender qualquer assunto relacionado ao sexo e à sexualidade. Ao inventar tais histórias, os pais pouco contribuem à Educação Sexual de seus filhos, pois inculcaram questões de fundo mirabolante que podem contribuir para: (i) aumentar a curiosidade das crianças sobre o tema; (ii) ampliar nas crianças as explicações ou concepções alternativas (ou *misconceptions*) sobre sexo, fertilização, fecundação, gestação, gravidez e parto (ver Quadro 5) e ainda (iii) gerar crenças e medos desnecessários.

A docente Ana Beatriz justificou-se por atender duas distintas e principais demandas da sala de aula. Alunos que já tinham grande experiência em relação à vida sexual e outros que sabiam muito pouco. Assim, nas aulas 2 e 3, Ana Beatriz salientou que optou por materiais diferentes entre si – vídeo com parto natural e biologia celular, além de uma história infantil utilizando o livro paradidático –, pois poderiam atender distintos perfis de alunos. Destas aulas, as estratégias de ensino utilizadas pela docente Ana Beatriz permitiu que os alunos se manifestassem oralmente a respeito dos temas.

As aulas 4 e 5 foram bastante tumultuadas, pois os alunos disputavam os materiais que estavam na posse de outros alunos. Levantavam continuamente de suas carteiras para realizar a troca destes materiais. Apesar de a coleção da Editora Abril Cultural sobre sexo e sexualidade fazer parte do acervo da biblioteca da escola, os alunos disseram que nunca tinham tido acesso a este material. Relataram que as idas à biblioteca eram dirigidas ou supervisionadas pelos professores de língua portuguesa, história ou geografia. Assim, eles não poderiam retirar quaisquer materiais, deveriam retirar apenas os indicados pelos docentes. Nestas duas aulas, após as leituras dos

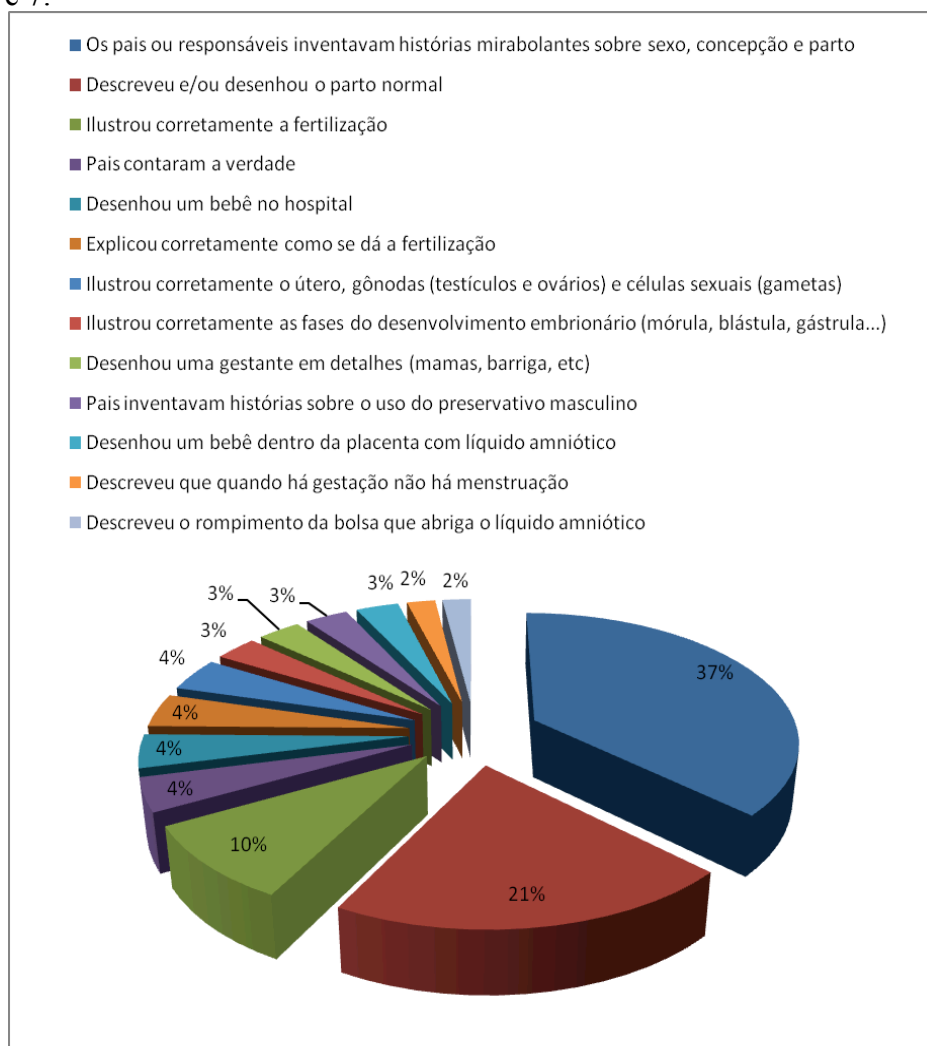
diversos assuntos, os alunos buscaram solucionar suas dúvidas com a professora sobre o material fornecido. Os textos eram polêmicos: homossexualidade, aborto, sexo anal, sexo oral, coito interrompido, sexo grupal, etc. Os alunos fizeram as leituras, explicaram aos demais e participaram expondo suas opiniões sobre as temáticas. As intervenções de Ana Beatriz tiveram o objetivo de esclarecer dúvidas e na elaboração de perguntas que elucidassem a leitura do material. Ao final, a docente fez uma exposição oral sobre o aparelho reprodutor masculino e feminino.

Nas aulas 6 e 7 observadas, os alunos produziram em duplas um livro de história em quadrinhos. Vale salientar que a participação dos alunos foi expressiva, mesmo daqueles considerados “maus alunos” no relato de Ana Beatriz e dos demais integrantes do corpo docente. *“São alunos que nunca fazem nada em sala de aula”* ressaltou a docente Ana Beatriz. Todos os alunos se empenharam em produzir um livro composto por uma história de natureza sexual. Os alunos tiveram que discutir entre si, para depois, elaborar qual seria o melhor argumento na redação do texto, como se organizariam para realizar a atividade proposta, cores, enredo, personagens, etc. O trabalho em grupo possibilitou a mobilização de conhecimentos distintos além dos conteúdos conceituais.

Nas aulas finais, 8 e 9, a docente Ana Beatriz fez a entrega da primeira história produzida individualmente pelos alunos. Ana Beatriz salientou aos alunos que iriam comparar o texto das histórias mirabolantes feitas no primeiro dia com todas as outras informações que haviam aprendido ao longo das aulas. Neste último encontro, os alunos foram muito elogiados pela docente, sobretudo, pelo empenho e participação integral dos alunos nas duas turmas. Alguns dos alunos reclamaram acerca do término das atividades, pois queriam discutir melhor alguns assuntos e temáticas. Outros alunos elogiaram, pois as aulas foram mais dinâmicas e produtivas do que ficar apenas *“copiando texto da lousa”* ou somente *“ficar ouvindo a professora falar”*.

Ainda neste encontro final, a docente priorizou a discutir aspectos das produções dos próprios alunos durante as aulas e a tabulação dos resultados observados das histórias apresentadas. Estes aspectos estiveram voltados ao sexo biológico (ver Gráfico 2). No que se refere à produção dos livros elaborados pelos próprios alunos nas duas turmas, os resultados foram categorizados por temática e apresentados no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Tabulação dos cartuns produzidos pelos alunos na confecção do livro nas aulas 6 e 7.



As respostas categorizadas consideraram o desenho elaborado e a redação do texto produzido. Assim, 10% ilustrou corretamente a fertilização, isto é, entrada do espermatozoide no ovócito, 37% descreveu como os pais inventavam as histórias sobre concepção e parto, 21 % descreveu e desenhou como se dá o parto normal, possivelmente em decorrência do vídeo que assistiram. As demais respostas distribuíram-se em proporções de 4%, 3%, 2% e exibiram com clareza os conceitos científicos biológicos aprendidos pelos alunos e alunas: rompimento do saco ou bolsa amniótica, as fases de desenvolvimento embrionário a partir do encontro dos gametas, isto é, zigoto ou ovo, mórula, blástula, gástrula, etc., noções de parto assistido em hospitais, noções dos sistemas reprodutores masculino e feminino e seus órgãos, representação proporcional dos tamanhos dos gametas, modificações do corpo durante a

gestação, sobre o uso de preservativos, relação entre a gestação e a ausência de menstruação e desenvolvimento do bebê. As histórias produzidas nas aulas 6 e 7 exibiram uma riqueza de detalhes e ilustraram aspectos importantes decorrentes das aprendizagens, sobretudo em assuntos desconhecidos inicialmente pelos alunos e alunas. As atividades utilizadas e o recurso do desenho em quadrinhos integra o cotidiano dos alunos desta faixa etária e é de onde a docente conseguiu extrair uma grande quantidade de dados sobre o que os alunos sabem ou pensam sobre um determinado tema ou assunto.

Na entrevista final, a docente Ana Beatriz disse “*Eu não estava preparada para lidar com tudo isso [...] a caixa de Pandora⁶ foi aberta*” (Ana Beatriz). Ana Beatriz referiu-se à repercussão na escola, com outros docentes e comunidade escolar e em relação às produções dos alunos em sala de aula na primeira aula da temática com o tema sexualidade. Apesar de todos terem conhecimento do desenvolvimento da temática sexualidade nas salas dos sextos anos – isto é, pais, direção, outros professores que ministram aulas nesta sala e funcionários – foi grande a repercussão. Ana Beatriz argumentou que foi grande o número de pessoas que a abordaram elogiando ou criticando a temática que estava tratando em sala de aula. Salientou a docente que trabalhar esta temática, além do planejamento e responsabilidade, “[...] exige um preparo emocional muito grande” (Ana Beatriz). A docente concluiu que,

É importante nas aulas de Educação Sexual que os alunos se manifestem, dialoguem sobre os temas com a professora e com os colegas, exponham suas dúvidas. O papel do professor é mesmo de orientação e de possibilitar o diálogo [...] passando informações corretas sobre o corpo humano, além disso, permitir discussões que assumem uma natureza cultural ou psicológica em relação ao sexo e à sexualidade em temas como, por exemplo, homofobia e aborto (docente Ana Beatriz).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática sexual em aulas de ciências não pode ou deve restringir-se a aspectos puramente biológicos, morais ou de solidariedade (BRASIL, 1997). De outro lado, é preciso vencer tabus mantidos pelos professores de ciências, que não são

⁶ O Jarro ou Caixa de Pandora é identificado na Mitologia Grega como a origem de todos os males da Humanidade, males que não podem ser desfeitos. É notável perceber como a docente Ana Beatriz se reporta aos aspectos sexuais e, às atitudes decorrentes da abordagem destes na escola entre docentes, alunos e funcionários. Isto é, como a origem de todos os males ou como fim da infância e da ingenuidade dos alunos na transição para o mundo adulto.

exclusivamente responsáveis por esta temática na escola, sobretudo, docente das demais áreas. São tabus irrestritos à diversidade sexual e que inibem a participação dos alunos e todas as suas formas de expressão sexual, por meio de perguntas ou contato físico, na escola (BRAGA, 2007). As aulas ministradas por Ana Beatriz, analisadas neste estudo em conjunto com as produções dos alunos, assumiram um caráter de informações corretas “biologizantes” (BIANCON, 2005; MEYER, 2000; ALTMANN, 2003). Este caráter fica evidente com a ênfase que os próprios alunos deram às produções dos livros como atividade “final” da unidade didática (cf. Gráfico 2). Apesar disso, ao tratar de temáticas desta natureza, esta professora possibilitou abertura ao diálogo (FIGUEIRÓ, 2006) com os alunos sobre temáticas que, muitas vezes, nem os próprios pais querem discutir.

No âmbito da escola, a unidade didática proposta por Ana Beatriz teve impacto em outras disciplinas. Por exemplo, *“Preferia pensar neles [nos alunos] como anjos assexuados. É o fim da ingenuidade... da minha própria”* (docente de língua portuguesa das duas turmas investigadas). O trecho transcrito não é da professora participante, mas era uma ideia amplamente partilhada pelos professores das turmas investigadas. Ideia que foi duramente refutada pelos conteúdos das narrativas em muitas das histórias analisadas. Ainda no contexto da escola, houve reclamações por parte de outros docentes que assumiriam as aulas após a saída de Ana Beatriz. A principal reclamação foi a seguinte: *“Eles [os alunos] ficam muito agitados e não há quem consiga dar aula naquela sala depois de uma aula como esta [de educação sexual]”* (professor de história). Ocorreram outros problemas. Ao propor a unidade didática com a temática sexualidade, a docente Ana Beatriz teve que se justificar, por escrito, junto à gestão da escola; de ela própria ter que convocar os pais para explicitar sobre a temática e natureza das aulas e mesmo “suportar” as reclamações de outros docentes contrários à realização de aulas com este enfoque. Apesar das reclamações e de uma temática com peso maior “biologizante” em detrimento de outros aspectos (psicológicos, sociais, morais, culturais); vale destacar que os alunos tiveram a oportunidade de comparar, expor e discutir suas histórias pessoais, relatar suas vivências, discutir sobre as histórias mirabolantes seus pais lhes ensinavam quando criança, sobre a exibição do vídeo e as explicações da professora. Vale destacar ainda, que ao final das aulas, ocorreu a

ampliação do vocabulário dos alunos, além de saberem tratar do tema sexualidade com respeito pelo outro, tranquilidade e clareza.

Referências

ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e gêneros. *Cadernos Pagu*, 21, 2003. p. 281-315.

ANACLETO, A.A.A.; MAIA, A.C.B., Gênero na infância: análise do filme “la vie in rose” como instrumento pedagógico em educação sexual. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 4, n. 3, 2009.

BAUER, M.W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. Em: BAUER, M.W.; GASKELL, G.; *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, p. 189-217, 2013.

BIANCON, ML. *A educação sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores*. 2005. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, 2005. 99f.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Sexualidade infantil: a importância da formação de professores (as) na questão de gênero. Em: CARBELLO, Sandra Regina Cassol; COMAR, Sueli Ribeiro (Org.) *Educação no século XXI: Múltiplos desafios*. Maringá: Eduem, 2009.

_____. A questão do gênero e da sexualidade na educação. Em: *Infância e Práticas Educativas*. Maringá: Eduem, 2007. p.211-219.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. Brasília: MEC / SEF, v. 10, 1997.

DUARTE, R. *Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo*. Cadernos de Pesquisa, n. 115, março/ 2002, p. 139-154, março/ 2002.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual: como ensinar no espaço da escola*. Revista Linhas, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2006.

MAIA, A.F. O preconceito como obstáculo à educação sexual: reflexões a partir de uma perspectiva ética. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 20 – 35, jan/jun, 2010.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Saúde e sexualidade na escola. (Cadernos educação básica, v. 4). 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

REIS, Giselle Volpato dos; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e educação escolar: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In: BORTOLOZZI A.C. e MAIA A.F. (Org.) *Sexualidade e Infância*. Cadernos Cecemca, v. 1, Bauru: FC/UNESP: CECMCA. 2005. 206p.

SILVA, M.P.; CARVALHO, W.L.P., O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras. *Ciência & Educação*, v. 11, n. 1, p. 73-82, 2005.

YURI, Débora; Jovens aderem à educação sexual via internet. *Jornal Folha de São Paulo*. 24/08/2009 – 09h20m. Acesso em 25/08/2009. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u613862.shtml> >